

STRASBURGO (\*).

A MENOS de meia milha de distancia do Rheno, em paiz fertil é a situação da bem fortificada cidade de Strasburgo, mui adequada ao movimento commercial, porque o rio a liga á Suissa para o sul e aos Paizes-Baixos para o norte. É a capital do departamento do Rheno-Inferior, em França, ficando na extrema oriental do reino. A sua população regula de cinquenta a sessenta mil almas. Parece que na religião dos habitantes influiram consideravelmente as alterações succedidas no governo da provincia a que pertencem: Strasburgo foi das primeiras cidades que abraçaram a *reforma*, pelo que a maioria de seus moradores foi protestante até os fins do seculo 17.<sup>o</sup>; mas de 1689 para cá, sendo sujeita á França, o numero dos catholicos cresceu, e ao presente se calcula no dobro dos que são protestantes. — Não ha em França, e n'Alemanha, cidade em que os costumes, usos e idiomas das duas nações andem tão misturados como nesta: para o que dão-se muitas causas: — da Alemanha a separa a largura do Rheno; o negocio commum entre as pessoas, que occupam as margens oppostas de um rio, facilita a commixtão de usos no ponto de reunião; — Strasburgo é nome de origem alemã, e a cidade pertenceu por longos tempos á Alemanha, por outro lado ha mais de seculo e meio que faz parte do territorio francez. Acontece aqui, como em localidades semelhantes, que a porção mais opulenta dos habitantes adoptam os modos e fallam a lingua da cõrte de que são subditos,

ao mesmo tempo que as classes humildes permanecem afferradas aos habitos e linguagem de seus antepassados. — Esta mistura de nações manifesta-se até nas comidas e maneira de as cosinhar, e o mesmo se nota no vestuario do povo. Strasburgo comprehende, alem da celebre cathedral, muitos edificios e estabelecimentos publicos: tem seis igrejas catholicas, sete lutheranas e uma reformada. Na de St.<sup>o</sup> Thomaz está o excellente mausoleu do marechal da Saxonia, levantado á custa de Luiz 15.<sup>o</sup> de França. A casa da municipalidade é uma nobre construcção com armazens numerosos que servem para arrecadações dos generos de commercio. Possui tambem uma academia protestante, outra catholica, uma eschola d'ensino secundario, uma academia medica, jardim botanico, duas bibliothecas, dois hospitaes, theatro, e algumas instituições de caridade excellentemente dirigidas. N'um chão contiguo á cidade, que serve de campo para exercicios d'artilheria, está inaugurado um obelisco á memoria de Kléber, natural de Strasburgo. Este general foi filho de um lavrador, serviu primeiro nas campanhas da Austria contra os turcos no decurso dos annos de 1776 a 1783: tendo entrado como simples granadeiro, em 1792, n'um corpo francez de voluntarios deu taes mostras de seus talentos militares que pela tomada de Moguncia foi elevado ao posto de general de brigada. Acompanhou na expedição do Egypto a Napoleão, e quando este regressou á Europa o ficou substituindo no commando do exercito: morreu desgraçadamente assassinado á traição por um turco em 14 de Junho de 1800. — Por detraz da cidadella, n'uma ilhota fronteira á

(\*) Sobre a historia desta cidade, e a sua famosa cathedral veja-se o artigo, acompanhado d'uma estampa, inserto a pag. 202 do 2.<sup>o</sup> volume.

povoação de Kehl, ha outro obelisco erecto ao general Desaix e parece que se escolheu este local pela circumstancia de ter-se notavelmente distinguido Desaix, na defensão da ponte de Kehl, servindo ás ordens de Moreau no exercito do Rheno. — Outro cidadão celebre de Strasburgo foi Kellerman, tambem general francez, que se illustrou principalmente em Valmy, e falleceu em 1820, de idade de 85 annos. — Esta cidade gloria-se de ter sido residencia de Guttemberg, um dos inventores da arte impressoria.

A ROSA BRANCA.

(Fragmento.)

I.

Negra era a noite, e a praia solitaria,  
E pesados os ares,  
E tremendo o bulcão, que Deos mandára,  
Varrer os largos máres.

Em serras altas levantado o pégo  
Os céus ia insultar,  
Em abysmos cavado similhava  
A terra q'rer tragar.  
E as líquidas montanhas alvejantes  
Com as nuvens entestavam,  
E raivadas bramiam rijamente,  
E quasi as salpicavam.  
E nem uma estrellinha de consólo  
Vislumbrava ao perdido,  
Nem clarão d'esperança reluzia  
Em céu de dó vestido.  
Nem astro, nem pharol, nem luz, nem facho,  
Nada — róchas escuras,  
A praia solitaria, o mar immenso...  
E Deus lá nas alturas.

Assim a vida — escuro, amplo deserto,  
Oceano de mysterio,  
Negrura e sombra... e ao cabo um leito extremo  
No chão do cemiterio.

E o raio do Senhor — rasgando as nuvens —  
Atravessava o ar,  
E com fita de fogo, immensuravel,  
Ao céu prendia o mar;  
E a chamma velocissima, rompendo  
As trévas carregadas,  
Da praia as róchas nuas amostrava,  
Quaes gigantes ossadas.  
Enxofrados clarões, correndo ao largo,  
Os campos inundavam.  
E mil estranhas fórmas, despertando,  
Incertas vacillavam.

Ruge, ruge, tormenta desvairada,  
O' filha do deserto,  
Na selva ruge, ruge nos rochedos,  
Ao longe como ao perto.

Alem, no bosque, o cedro mais antigo  
O raio o fulminava,  
D'alto abaixo incendiado, qual serpente  
De fogo s'elevava.  
Aqui, mesquinha e triste, a flôr que a custo  
N'uma fenda sorrio,  
Pendido o calix, pálida, entornava  
Os prantos seus em fio.  
Derrubada por fim, mal pôde um dia  
Nascer, sorrir, brilhar:

Fôra seu choro o choro da tormenta;  
Foi seu sepulchro o mar.  
Nas arvores frondosas, lá da encosta,  
Da primavera a flôr,  
Do ramo desprendida, o chão beijava,  
Qual lagrima d'amor.  
Alli, na matta, o secular carvalho,  
Da força imagem féra,  
Ao chão não foi — diff'riu, até na morte  
Da flor da primavera. —  
Não vergou nem cedeu — curvando a fronte  
Ao braço impetuoso  
Do bulcão furibundo — o tronco duro  
Lh'opoz, de si vaidoso.  
Não vergou, mas quebrando nas raizes  
E f'rido e destroncado,  
Lá foi lançado aos ares, do combate  
Despojo mal-fadado.  
E o rijo turbilhão corria ao largo,  
Sem fim, sem rumo certo. —  
Ruge, ruge tormenta desvairada,  
O' filha do deserto.

II.

E n'ess'hora de lucto e de tristura  
Orava tudo ao Deus, que tal mandára,  
Invocando o seu nome n'amargura,  
Seus pés indo abraçar?  
A selva, a praia, o mar  
As iras do Senhor repercutiam  
Erguendo vozes mil, e mil clamores,  
Mas terra a dentro, ao longe reluziam  
Palacios de senhores.

Um delles, mais que os outros fulgurante,  
Por cem vermelhas bocas trasbordando  
Polo campo entornava, e mui distante,  
Torrentes d'harmonia,  
Que em ondas s'estendia  
Ao largo, na campina abandonada,  
Par'cendo, lá da praia tão deserta,  
Chamma pequena em selva emaranhada  
A vislumbrar incerta.

E, qual perdida rôla, a espaços ia  
Uma notta suave e solitaria  
Mansamente afagar a penedia,  
Suspiro similhando,  
Que o mudo horror quebrando,  
Atravez do rugir da tempestade —  
Humilde prece, arfar de seio terno,  
Do mundo s'elevava á immensidade,  
Buscando os pés do Eterno.

E lá, n'aquellas sallas reflectindo  
Mil astros no christal, mil fogos n'alma  
E mil fulgentes soes no rosto lindo  
De cada formosura,  
Havia só ventura?...  
Oh! quanta, quanta dôr por entre flores  
Seu absyntho fatal occultaria,  
Quantas penas, remorsos e terrores,  
Quanta lenta agonía!

Como a luta cruel dos elementos,  
No mundo féramente revolvidos,  
Mais branda, talvez, fôra que os tormentos,  
Que em peito incendiado,  
Lançára negro fado!  
E como a funda sombra da procella

Seria luz amena, comparada  
Co'a noite d'alma, em que não luz estrella,  
Sem ser na campa alçada!

E o palacio festivo illuminado,  
Figurava, com olhos reluzentes,  
Perdida sentinella, no seu prado  
A procella espreitar....  
E tudo a negrejar;

E a montanha tremendo d'assombrada;  
E a tormenta a rugir ao longe e ao perto: —  
Ruge, ruge, tormenta desvairada,  
Ó filha do deserto.

## III.

Lá do outeiro da hermidella descia  
Da chuva repassada;  
Alvas roupas delgadas e ligeirás,  
Madeixa ao vento dada.  
Branca rosa, como ella já cortada,  
E pálida como ella,  
Sobre os negros cabellos lh'alvejava  
Qual affogada estrella.  
E o curto pé, que as sedas molestavam,  
Na bronca penedia,  
Nos cardos da devesa não trilhada  
De rubro se tingia —  
Era o corpo arbustinho transplantado  
Em terra ingrata e má,  
O rosto um jaspe frio, um gèlo immovel  
Em que vida não ha,  
E em formosura a triste inda primava,  
Ermo lyrio abatido,  
Estatua q'rida d'esculptor poeta,  
Ou cherubim perdido,  
Sonho d'alma em noite melancholica,  
Visão da madrugada,  
Sem luz, sem côr — vestida de vapôres,  
De nevoas coroada.  
Ora o vento do sul co'a trança negra  
O rosto lhe agoitava,  
Ora inteira, assombrando-lhe a lindesa,  
Nos ares lh'a espalhava.  
E muita vez, cortado pelo raio,  
O tronco da espessura  
Das alvas carnes suas tão mimosas  
Manchava a neve pura.  
Quem era? — d'onde vinha, assim vestida? —  
Quem a rosa lhe dera? —  
Quem tamanha dôr d'alma e tantas penas  
No rosto lhe pozera? —  
Porque trajando as gallas do festejo  
A tormenta buscára? —  
Porque os quentes salões e o baile e a festa  
Polo bulcão trocará? —

Gelado, triste inverno  
Murchára-lhe o existir?  
Da vida a flôr mais linda  
Sentíra aos pés cahir?

Sorrindo, as ledas portas  
Do mundo tendo entrado,  
Cerrára-lh'as com prantos,  
Depois, avesso fado?

Ouvíra pouco a pouco  
Morrer-lhe a melodia  
Tão meiga, tão do céu,  
Que d'alma a Deus subia?

Sentíra que o thuribulo  
D'incenso perfumado,  
Que ardêra no seu peito,  
De todo era quebrado?

Sentíra que nos seios  
Do morno coração  
A chamma se apagára,  
Ou só luzia em vão?

Da lyra de su'alma  
A corda mais brandinha,  
Que amores só vibrava,  
Que só ternuras tinha,

Sentíra-a distender-se?  
Ouvíra-a já quebrar-se?  
Dos hymnos seus, mais doces,  
Saudosa despojar-se?

Ouvíra-a murmurando  
Em frémitos sentidos,  
Às horas d'alta noite,  
Lamentos e gemidos?

Sentíra-a, tristemente,  
Queixar-se discordada,  
Lá quando véla a morte  
Na vida recostada?

Morrêra-lhe a ventura?  
Fugíra-lhe a esperança?  
Turbára-se-lhe do íntimo  
A placida bonança?

O sol do seu viver  
Fizera-se vulcão?  
Cortára-lhe o soffrer  
A flôr do coração?...

(Continúa.)

ENTRA E ARRAZA D. HENRIQUE DE MENEZES  
O LOGAR DE COULETE.

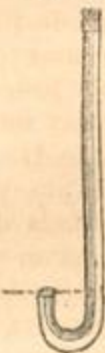
PELOS annos de 1526 era famoso na India o logar de Coulete, situado na foz de um rio a seis leguas de distancia de Calecut, capital do imperio do Camori. — Achava-se cercado de forte muralha, e nella muita e boa artilheria, a cuja sombra se cobriam cincoenta e seis parás de guerra, nos quaes e na praça se contavam vinte mil defensores, entre soldados e paisanos, com grande abundancia de munições de guerra e bôca. — Era tão grande a arrogancia e presumpção dos barbaros, e tão firme a confiança que tinham na fortaleza do logar, que corriam como em proverbio entre elles estas palavras: — *Uxar Coulete*, como se disseram: *guarda de Coulete*. — Mas Coulete se soube guardar mal do valor dos portuguezes, porque dando nelle o destruíram e abrazaram a ferro e fogo, obrando estupendas acções á custa de muitas vidas de uma e outra parte. — Colheram-se tresentas e sessenta peças de artilheria, numero immenso de armas de toda a sorte, e cincoenta e tres parás. Aos outros se poz o fogo e juntamente ao logar, e vieram a trocar-se nos fumos d'aquelle incendio os d'aquelle presumpção. — Succedeu este galhardo facto, no anno acima referido, sendo governador D. Henrique de Menezes, que se achou em pessoa na facção e foi grande parte nella.

Ann. Hist.

## BOMBAS PARA TIRAR AGUA.

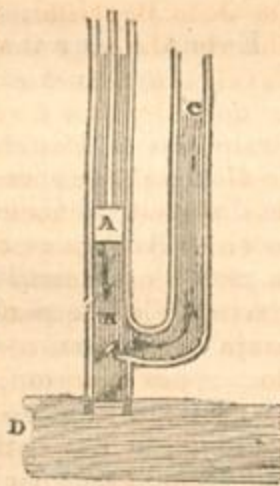
ENTRE todas as machinas inventadas para fazer subir a agua d'um nivel inferior a outro superior, as mais notaveis pelo principio e modo de sua acção e como esforço da sciencia são as bombas: nada se tem encontrado que com ellas se pareça entre as nações descobertas no Novo-Mundo; os romanos as não conheceram antes dos fins do imperio, nem sequer imperfeitamente, e outro tanto aconteceu aos egypcios e aos chins. Diz-se que as inventára Ctesibio, afamado mathematico de Alexandria, pelos annos 120 antes da era christã: successivamente se lhes fizeram melhoramentos. Ainda no tempo presente raras vezes se encontrará uma bomba em qualquer parte da Asia.

A acção desta machina hydraulica depende principalmente dos effeitos da pressão do ar atmosphérico. Supponha-se que a figura 1.<sup>a</sup> é um tubo recurvado na parte inferior, medindo mais de 30 pés; se o encher-mos d'agua e taparmos seguramente a abertura superior, posto que a extremidade recurvada esteja aberta, permanecerá uma columna de ar no tubo, da altura de 33 pés acima do nivel do orificio destapado: mas se abriremos a extremidade superior, o liquido todo se escoará, excepto quanto baste para encher a porção curva do tubo como se mostra pela linha marcada na estampa.

FIG. 1.<sup>a</sup>

Ha duas castas de bombas que essencialmente differem, e todas as outras variedades são méras modificações destas: umas são de compressão, que tem o embolo solido, e outras são aspirantes, nas quaes o embolo tem uma abertura cerrada com uma valvula.

A figura 2.<sup>a</sup> é o córte ou secção de uma bomba compressoria, e do jôgo mais simples. *D* é o reservatorio donde se extrahê a agua: o embolo solido *A* sendo obrigado a baixar pelo tubo, onde elle obra sobre o ar que comprime, é depois puxado para cima; a pressão do ar sobre a agua do poço a faz subir, seguindo a direcção do embolo: logo que o embolo ou pistão tem completado este movimento para cima, sendo de novo constringido a descer, motiva isto o fechar-se a valvula *B* e impedir que haja volta da agua, a qual não tendo outro meio de evadir-se é obrigada a subir pelo tubo *C* e a despejar-se por algum buraco para esse fim aberto no ponto conveniente: o pistão ou embolo é novamente tirado para cima, abre-se a valvula, a agua corre, e é novamente impellida pelo tubo *C* acima.

FIG. 2.<sup>a</sup>

A figura 3.<sup>a</sup> mostra o principio da bomba aspirante. — *A* é o pistão, que é furado e guarnecido de uma valvula: vid. fig. 4.<sup>a</sup>, que é o córte d'um pistão ou embolo commum: nesta figura, *A* representa a cavidade, e *B* a valvula que abre para cima. Neste caso é necessario que a agua tenha altura sufficiente para cubrir o embolo quando elle chega á extremidade inferior do corpo da bomba. Se então o embolo fór puxado para cima, trará toda a agua que estiver acima d'elle, e a agua, que ficar pela parte inferior, tambem o seguirá, sendo comprimida pelo peso da atmosphera. A volta do embolo pa-

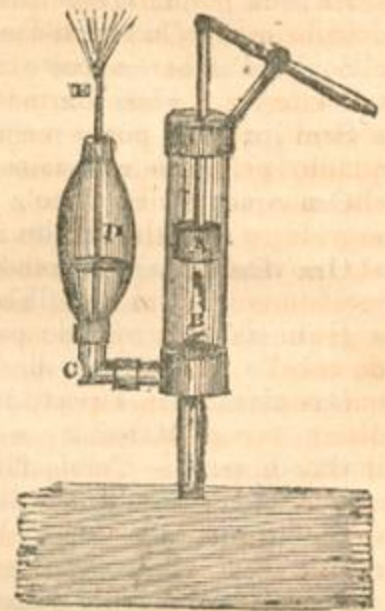
ra baixo, a agua que occupa o espaço entre elle e a valvula *B* [fig. 3.<sup>a</sup>] estará a ponto de tornar para

FIG. 3.<sup>a</sup>FIG. 4.<sup>a</sup>

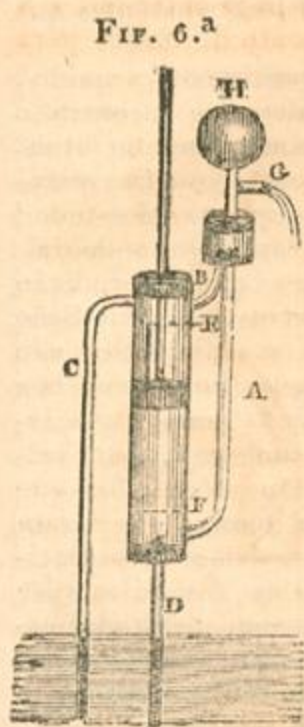
o poço, por causa de cerrar-se aquella valvula: o embolo facilmente se moverá para baixo e por agua dentro, abrindo-se por cima a valvula com que é fornecido: assim a cada pancada a agua se accumulará por cima d'elle, e a cada movimento superior tomará maior porção e irá crescendo a quantidade até ultrapassar o nivel da abertura *C* por onde correrá.

A fig. 5.<sup>a</sup> mostra uma bomba de compressão, que indicará o modo porque laboram as bombas para os incendios. *A* é o embolo solido que se move dentro do cylindro da bomba:

*B* é uma valvula que abre para cima, posta na extremidade do tubo que vai dar á agua no poço. O tubo *C* entra no espaço que abrange o tubo em cujo topo está a valvula *B*. A agua como na bomba compressoria commum é impellida ao longo do tubo *C* para o corpo oval *D*: um pequeno tubo ou canudo *E*, introduzido no sobredito vaso *D* vai por elle dentro até curta distancia do fundo: logo que a agua que entra naquelle vaso fica acima do nivel da parte inferior do tubo *E*, o ar, que no primeiro caso era expellido por esse tubo, se comprimirá então na parte superior do vaso *D*, e assim obrará como um poderoso repucho, sustentado o facto pela acção do embolo. —

FIG. 5.<sup>a</sup>

A Fig. 6.<sup>a</sup> representa uma bomba mui engenhosa, em que o embolo obra por dois modos, por compressão e por aspiração. Os quatro tubos *A B C D* todos se communicam com o cylindro grande, e cada um tem na extremidade superior uma valvula que abre para fóra: o embolo é solido e não póde subir mais alto do que o ponto *E* no cylindro grande, nem descer mais baixo do que o ponto *F*. Quando o pistão labora para baixo, a agua que entrou, quando elle subiu ultimamente, no cylindro maior, é constringida a subir pelo tubo *A* e a final até o repucho *G*. Durante a sua ultima subida elle obrigou o ar na parte superior do cylindro a entrar pelo cylindro *B*, e a valvula do topo deste tubo, fechando-



se, impedirá que desça ou volte para baixo, quando descer o pistão ou embolo. — A consequencia será fazer-se um vazio acima do embolo, e a pressão atmospherica obrigará a agua a subir pelo tubo C. Á sua immediata volta o embolo forçará a agua do mesmo modo que fez ao ar no primeiro caso; e na sua immediata descida produzirá de novo um vazio, actuando assim ao mesmo tempo como bomba de compressão e de aspiração. Quando a copia da agua é sufficiente para se accumular acima da abertura interior do repuxo G, o ar no vaso H se comprimirá, e obrará do modo que o ar condensado na bomba [fig. 5.<sup>a</sup>] de que fallámos.

#### APRESENTAÇÃO DE CHRISTOVÃO COLOM A ELREI DE PORTUGAL.

PROCEDENDO por esta maneira as cousas deste descobrimento, estando elrei o anno de 493 a seis de Março em Val de Paraiso, junto do mosteiro de N. Sr.<sup>a</sup> das Virtudes, termo de Santarem, pela rasão da peste, foi-lhe dito que ao porto de Lisboa era chegado um Christovão Colom, o qual dizia que vinha da ilha Cypango, e trazia muito ouro e riquezas da terra. Elrei, porque conhecia este Colom, e sabia que por elrei de Castella fôra enviado a este descobrimento, mandou-lhe rogar que quizesse vir a elle, para saber o que achára naquella viagem, o que elle fez de boa vontade, não tanto por aprazer a elrei, quanto por o magoar com a sua vista. Por quanto primeiro que fosse a Castella, andou com elle mesmo rei D. João, que o armasse para este negocio, o que elle não quiz fazer, por as rasões que abaixo diremos. Chegado Colom ante elrei, que o recebeu com gasalhado, ficou mui triste quando viu a gente da terra que com elle vinha não ser negra, de cabello revoltado, e do vulto como a de Guiné, mas conforme em aspecto, cor, e cabello como lhe diziam ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom fallava maiores grandezas e cousas da terra do que nella havia, e isto com uma soltura de palavras, accusando e reprehendendo elrei em não aceitar sua offerta, indignou tanto esta maneira de fallar a alguns fidalgos, que ajuntando este aborrecimento de sua soltura com a magoa que viam ter a elrei de perder aquella empreza, offereram-se delles que o queriam matar, e com isto se evitaria ir este homem a Castella. Cá verdadeiramente lhe pareceu que a vinda d'elle havia prejudicar a este reino, e causar algum desasocego a Sua Alteza, pela rasão da conquista que lhe era concedida pelos summos pontifices, da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes offertas elrei não aceitou, antes as reprehendeu como principe catholico, posto que deste feito de si mesmo tivesse escandalo; e em lugar disso fez mercê a Colom, e mandou dar de vestir de grã aos homens que trazia daquelle novo descobrimento, e com isto o expediu. E porque a vinda e descobrimento deste Christovão Colom [como então alguns prognosticaram] causou logo entre estes dois reis, e depois a seus successores algumas paixões e conten-

das com que de um a outro reino houve embaixadas, assentos e pactos, tudo sobre o negocio da India, que é a materia desta nossa escriptura: não parecerá estranho nella tratar do principio deste descobrimento, e do que d'elle ao diante succedeu. Segundo todos affirmam, Christovão Colom era genovez de nação, homem esperto, eloquente, e bom latino, e mui glorioso em seus negocios. E como naquelle tempo uma das potencias d'Italia que mais navegava pela rasão das suas mercadorias e commercio era a nação genovez, este, segundo o uso da sua patria, e mais sua propria inclinação, andou navegando por o mar do Levante tanto tempo té que veio a estas partes de Hespanha, e deu-se á navegação do mar oceanico, seguindo a ordem de vida que antes tinha. E vendo elle que elrei D. João ordinariamente mandava descobrir a costa d'Africa, com intenção de por ella ir ter á India, como era homem latino, e curioso das cousas da geographia, e lia por Marco Paulo, que fallava moderadamente das cousas do Oriente, do reino Cathayo, e assim da grande ilha Cypango, veio a phantasear que por este mar oceano occidental se podia navegar tanto, que fossem dar nesta ilha Cypango, e em outras terras incognitas. Porque como em o tempo do infante D. Henrique se descobriram as ilhas terceiras, e tanta parte da terra d'Africa nunca sabida nem cuidada dos hespanhoes, assim poderia mais ao poente haver outras ilhas e terras. . . . . Com as quaes imaginações que lhe deu a continuação de navegar, e pratica dos homens desta profissão que havia neste reino, mui espertos com os descobrimentos passados, veio requerer a elrei D. João que lhe desse alguns navios para ir descobrir a ilha Cypango por este mar occidental, não confiando tanto com o que tinha sabido [ou por melhor dizer sonhado] d'algumas ilhas occidentaes como querem dizer alguns escriptores de Castella, quanto na experiencia que tinha em estes negocios serem mui accreditados os estrangeiros. Assim como Antonio de Nolle seu natural que tinha descoberto a ilha de Sant-Iago, de que seus successores tinham parte da capitania; e um João Baptista, francez de nação, que tinha a ilha de Maio, e Jos d'Utra, flamengo, outra do Fayal. . . Esta é a mais certa causa da sua empreza que algumas ficções [que como dissemos] dizem escriptores de Castella, e assim Jeronymo Cardano, medico milanez, varão certo, douto, e ingenioso, mas em este negocio mal informado. Porque escreve em o livro que compoz da Sapiencia, que a causa de Colom tomar esta empreza foi daquelle dito d'Aristoteles, que no mar Oceano, alem d'Africa, havia terra para a qual navegavam os carthaginezes; e por decreto publico foi defezo que ninguem navegasse para ella, porque com abastança e mollicias della se não apartassem das cousas do exercicio da guerra. Elrei porque via ser este Christovão Colom homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais phantastico e de imaginações com a sua ilha Cypango, do que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito. Comtudo á força das suas importunações mandou que estivesse com D. Diogo Ortiz, bispo de Cepta, e com mestre Rodrigo, e mestre Josepe, a quem elle commettia estas cousas de geographia e seus descobrimentos, e todos houveram por vaidade as palavras de Christovão Colom, por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cypango de Marco Paulo, e não em o que Jeronymo Cardano diz, e com este desengano expedido elle d'elrei se foi para Castella, aonde tambem andou ladrando este requerimento em a côrte d'elrei D. Fernando sem ao querer ouvir, até que

por meio do arcebispo de Toledo, D. Pero Gonçalves de Mendôça, o ouviu. — *Asia de João de Barros, Decada 1.<sup>a</sup> Livro 3.<sup>o</sup> cap. XI.*

☞ Não é nosso intento, inserindo este extracto do abalísado historiador João de Barros, deprimir os talentos ou a fama de Colombo, mas sim mostrar que D. João 2.<sup>o</sup> o não despediu sem ouvir sobre a proposta os homens intelligentes da sua côrte.

#### LER E MEDITAR.

Posto que mui louvavel e util seja a diffusão dos conhecimentos que só se adquirem pela leitura, é comtudo necessario reflectir que para tirar algum proveito da lição, não basta só lêr — é preciso meditar. Um montão d'idéas depositadas no thesouro da memoria, que segundo a define o nosso philologo Alvaro Ferreira de Vera (\*) *é uma potencia d'alma, que esconde e guarda como em deposito as especies e imagens de todas as cousas, que conhecemos, para as manifestar quando fôr necessario, semelha á collecção de curiosidades no gabinete dos antiquarios, que não estando devidamente classificadas são de pouca utilidade e prestimo, embora possuam grande valor intrinseco.*

De duas cousas carece o homem de genio para bem desenvolver o entendimento: — a primeira é prestar grande attenção ao que lê; a segunda examinar imparcialmente os factos, tirando delles rasoaveis inducções. O homem que em desprezo d'estas regras lêr sem meditar, pouco ou nada adiantará na escala dos conhecimentos, em qualquer ramo scientifico a que se applique. Em quanto ás materias que devemos escolher para estudo e investigação, é esse um objecto que depende da nossa condição e estado na sociedade. Cumpre todavia regeitar o que fôr contrario á religião e á moral, e o que não tiver por fim o bem e a utilidade publica.

É mister attender muito ao que acima expomos. Quem lêr materialmente, sem meditação ou crítica, assemelha-se ao louco que enche as casas de trastes velhos collocados desordenadamente, podendo adorna-la de lindos móveis e postos com symetria. A nossa applicação deve ter dois fins: — adquirir novos e uteis conhecimentos, e ganhar consideração para sermos felizes e respeitados, sem damno da sociedade em que vivemos. — Para conseguir estes bens é necessario empregar o tempo só na leitura de obras de reconhecida utilidade e intrinseco merito. A discreta escolha do objecto não é ainda sufficiente precaução para evitar o erro: é grande illusão imaginar que tudo quanto se lê impresso traz o cunho da verdade e é digno de ser acreditado. Ao lêr qualquer obra, embora se dedique a assumpto mui interessante e util, bom é pesar, segundo a luz do nosso entendimento, a força das rasões do seu auctor, praticando com este o mesmo que praticariamos com a pessoa a quem seguíssemos com os olhos, para saber o logar do seu destino. É então mister não escorregar no caminho, e se encontrar-mos algum precipicio ou barranco, é do nosso interesse desviar-mo-nos da senda, antes do que acompanhar cegamente aquelle nos seus passos. Nada ha mais absurdo, e ao mesmo tempo tão vulgar como encontrar pessoas que formaram as suas opiniões pelos livros, sem se darem ao trabalho d'investigar os factos. Destes factos, muitas vezes inacreditaveis, tiram elles conclusões que acham logicas, só por se ageitarem aos seus desejos

(\*) Vid. a 1.<sup>a</sup> pagina da *Memoria artificial, ou modo para adquirir memoria per arte.* Anno 1631.

e preconceitos, sem preverem os inconvenientes que d'ahi resultam.

Este modo de discursar tão geralmente seguido, é talvez um dos maiores obstaculos que encontra o progresso e derramamento dos conhecimentos uteis. Se os homens não se armarem de rasão e crítica quando lerem, que vantagens deverão esperar do estudo? — Podem citar muitos auctores, apresentando delles varios trechos e idéas — alardear grande erudição — maravilhar e até deleitar os outros com uma lição curiosa e variada: no entanto a sua dialectica não terá adiantado um passo, e qualquer homem de boa logica lhe desfará os argumentos. As pessoas que assim obram dão-se facilmente a conhecer, pela teima e virulencia com que defendem as opiniões que dos outros receberam: o que bem mostra que leram sem meditar, pois do contrario ouviriam com placidez e gosto as rasões dos adversarios, que é sempre o melhor meio de acertar. O homem meditador escuta os outros com attenção, discorre com madurez, mostrando pela tolerancia do seu procedimento que o raciocinio lhe acompanhou sempre a leitura, e que não enxertou a arvore da sabedoria com o venenoso arbusto dos preconceitos populares. — Dai a qualquer individuo sciencia sem discricção, e vê-lo-heis desde então descontente da sua sorte, desejando exaltar-se alem do que é possivel em rasão da classe ou condição em que se acha collocado na sociedade. — Para conseguir taes intentos não duvidará elle alterar a ordem estabelecida, dando a si uma importancia que não tem, mas que julga pertencer-lhe, e declarar cruel guerra a quantos lhe estiverem superiores na escala social. O odio e inveja com que para todos olha, em breve lhe inspiram os mais vís sentimentos, promovendo-lhe hostilidade moral para com os seus superiores, de que se segue o perder inteiramente a felicidade e placidez d'animo de que até alli gosára.

Pessoas ha de talento e habilidade que pondo só a mira no vil interesse, e peccando contra a honestidade dos seus principios, não duvidam empeçonhar as melhores fontes d'onde os não cultos podiam achar meio de solida instrução. — Por mingoa ou venalidade derramam elles o veneno com mão larga e profusa, sem curarem do resultado de tão abjecta acção; e o que se torna ainda mais perigoso e reprehensivel é o ministrarem-no com tanta subtilidade e manha, que não é muitas vezes facil ao leitor prevenir-se a tempo contra dose tão mortifera. A rasão é a guia unica que póde mostrar-nos aonde está o mal, destruindo prejuizos, moderando appetites, e evitando que incautamente bebâmos a taça da amargura. A lisonja demanda grande analyse e suspeita; sendo fructo muito grato ao paladar, complica mais do que nenhuma outra cousa com a constituição da verdadeira sabedoria, traz comsigo a discordia, e oppõe-se inteiramente ao nosso progresso intellectual. Devemos procurar a sabedoria como um meio de alcançar a ventura social. Porem desta ventura não devemos fazer monopolio, pois se desejarmos ser sabios só para gosar os bens do mundo com absoluta exclusão dos outros, a sciencia nos será tão fatal como o foi a nossos primeiros pais o doce pomo do paraíso. A sabedoria para dar resultados que se appreciem hade concorrer a um tempo para a nossa felicidade, e a dos entes com quem vivemos: — o cidadão util não é o que consegue o bem, mas o que o pratica com os outros. A rasão é que póde indicarnos a direita estrada: — chamai-a em vosso auxilio quando lerdes, certos de que muitos homens se teem elevado a grande altura sem applicação litteraria, e só com a ajuda da prudencia e bom discurso.

## AS LAGRIMAS.

AINDA que o estilo do P.<sup>o</sup> Theatino, D. Raphael Bluteau, francez de origem, e primeiro coordenador d'um vocabulario, regular e referto de varia erudição, da lingua portugueza, não seja para imitar-se em nossos tempos, pela affectação e gongorismos em que a miudo cahia, achámos que era digno objecto de louvavel curiosidade a confrontação de um pedaço, escripto na epocha da decadencia da nossa linguagem, com outras formosas passagens de classicos escriptores, que temos profusamente espalhado pelas columnas deste jornal, e que pelos *indices* se acharão facilmente. —

— « Não ha cousa no mundo mais ordinaria, nem juntamente mais prodigiosa que as lagrimas. São as lagrimas tão communs no mundo, que a primeira acção do homem em nascendo é chorar; apenas abre os olhos á luz, quando os submerge no pranto, e se as lagrimas são o tributo que na estrada da vida se paga, é tributo de tão pouco valor que a mesma infancia, ainda que nua e despida, tem cabedades para pagar com largueza. Lá fingiram os antigos que o mar era o berço e sepulchro do sol, para nos darem a entender que a nossa vida começava com as lagrimas, e que nas lagrimas acabava; e não é muito que as lagrimas sejam tão communs, pois são tão communs as desgraças; que se este mundo se chama valle de lagrimas, é porque não é outra cousa mais que um valle de miserias. Mas com serem as lagrimas tão ordinarias no mundo, não ha cousa mais prodigiosa do que as lagrimas. O maior prodigio do Nilo é encobrir ao Egipto a origem das suas aguas, e o maior milagre das lagrimas é occultar aos homens o berço do seu nascimento, que os mesmos olhos que as derramam não podem ver a fonte donde nascem. Chora a philosophia a sua cegueira na investigação do principio donde suas lagrimas se originam. Uns se persuadem que as lagrimas se formam n'umas invisiveis concavidades que a natureza fez junto aos olhos, para receptaculo deste humor melancholico. Tem para si outros que o centro das lagrimas é o cerebro, a que Hypocrates chamou a metropole das humidades; e outros affirmam que as lagrimas se concebem no coração, pela dôr que o aperta quando os olhos as derramam. E se as escholastinguem tres generos de almas, a vegetativa, a sensitiva, e a racional, não sabem definir qual destas almas seja o verdadeiro principio das lagrimas, porque todas tres naturalmente choram. Chora a alma vegetativa nos gomos das arvores, e nos olhos das plantas; chora a alma sensitiva pelos olhos dos animaes, que tambem os veados tem suas lagrimas, e os crocodilos os seus prantos; chora a alma racional pelos olhos dos homens, e até as paixões, que são crueis tyrannas da razão, tanto se enternecem que choram; chora o amor as ausencias do objecto que ama; chora o odio as assistencias do sujeito que aborrece; chora a avareza as perdas; chora a ambição os despresos; chora a compaixão a vista dos males alheios; chora a mesma alegria na complacencia dos seus triumphos: — finalmente é a natureza das lagrimas tão prodigiosa nos seus principios, que a mesma natureza não alcança os prodigios que por ellas se obram. » — *Bluteau, Principios Evangelicos.*

## A FRATERNIDADE.

QUIZÉRAMOS que esta palavra correspondesse na pratica social á sua rigorosa etymologia e sentido

moral. Deriva d'um vocabulo latino, que tem por sua raiz ou voz primitiva sobre que foi modelada, o nome *frater*, irmão; e exprime aquella reciproca amisade e bemquerença, que entre irmãos deve reinar. Se a fraternidade fosse uma virtude inalteravelmente exercitada pelas sociedades humanas, quantas desavenças domesticas seriam em breve suffocadas, quantas demandas se evitariam, e que paz se estabeleceria no seio das familias! Mas a insaciavel ambição, a traíçoira inveja, e o amor-proprio excessivo envenenam ou destroem frequentes vezes os prazeres familiares, ensaiando-se para com fachos abraçadores atearem as discordias nas pequenas como nas grandes familias, chamadas *estados* ou *republicas*: e o que é parcialmente funesto a limitadas congregações de individuos, é peste assoladora, incendio aniquilador, que tem feito desapparecer da cathogoria das nações livres e illustradas muitos povos, que podiam viver tranquillos em seus lares, gosando os fructos de sua industria, e civilisando-se progressivamente, para desfructar novos commodos, porque só em tempos pacificos medra a verdadeira civilisação. Cumpre aos governos empregar todos os meios para manter e estreitar a união civil entre os seus subordinados, pois que nella consiste a grande força dos estados, e assim o mostrámos nós, pequena nação, em crises atterradoras, quando nos ameaçava o jugo de immenso e ruinoso poder estrangeiro, por exemplo, quando os monarchas castelhanos nos quizeram manietar para arrastarmos o carro do seu triumpho, que era o signal do nosso vituperio, ou quando uniformes levantámos o grito e alçámos o braço, no presente seculo, contra a invasão de Buonaparte. Não daremos nós lições aos governos, porque isso incumbe aos *economistas* e aos homens versados nas sciencias politicas: mas clamaremos aos pais de familias que vigiem constantemente para conservar a união no seio daquellas que a Providencia e os encargos e circumstancias da vida confiaram a seu regimen e desvelo; que se empenhem para apertar os vinculos da fraternidade entre seus filhos, devendo persuadir-se que assim lhes estabelecem um elemento de futura felicidade, e um germen de mutuos auxilios de que talvez [e é o mais certo] venham a precisar.

## GELOS POLARES.

O MAR, a partir do polo quinze graus, pouco mais ou menos, está cuberto de gelos immensos, uns fixos, outros moveidos: estes se formam mais ao sul e são susceptiveis de reunião: os primeiros nunca se derretem totalmente: o calor extraordinario, ou outra qualquer circumstancia, ainda ignorada, occasiona a sua ruptura; então as massas de gelo estalam e se despegam em pedaços enormes e com espantoso ruido; e as correntes as carregam até as latitudes mais meridionaes, onde acabam de desfazer-se. O phenomeno do *derretimento* parece que se renova em epochas mui distantes umas das outras: e por meio d'elle explicam os physicos certos resfriamentos notaveis, que se experimentam nas zonas torrida e temperadas. — Sendo os gelos errantes sujeitos a dissolverem-se por varios acasos, facil de perceber é o perigo que os navios correm no meio daquellas massas gigantes, que se despenham e rodam com terrivel força de impulsão, e que podem ou submergi-los ou entaipa-los. São estes riscos as principaes causas que impedem aos navegantes o chegar ao polo; e para que se avalie a grandeza e imminencia delles, considere-se que esses gelos fluctuantes figuram muitas vezes verdadeiras ilhas. O

mar ou grande bahia de Baffin chega a tapar-se com moles geladas de 100 leguas de comprimento, em que ha serras de 400 pés d'altura: ás vezes são carregadas com grossas pedras e com raizes que lhes dão o aspecto de terras com a mesquinha vegetação daquellas latitudes. Haverá cincoenta annos que se fixaram na bahia de Disco duas dessas ilhas, a que os baleceiros hollandezes enganados pozeram nome; outro tanto aconteceu em paragens da Islandia: a ilha James, marcada em algumas cartas, é mui provavel que seja mole de gelo, semelhante ás precedentes; e no mesmo caso estará uma terra recém-descoberta a leste da Nova-Zembla. A 20 de Abril de 1829, o navio da companhia das Indias, Farquarson, encontrou uma serra fluctuante de gelo, que avaliaram ter dois terços de legua em redondo, e obra de 150 pés de elevação acima do nivel do mar; e o que mais admiração motiva é que a embarcação achava-se a menos de 40 graus de latitude: e indubitavelmente tão grande massa já estaria desfalcada, tendo perdido muita parte do seu volume depois da partida dos logares em que se formára.

Quando tão enormes montanhas vagueiam pelos mares em diversas direcções na proximidade de um navio, não é muito raro o ajuntarem-se e cerca-lo por maneira tal que lhe não consentem sahida: este encerro em meio dos gelos é fatalissimo, se por acaso não se fendem e deslocam algumas porções por fórma que deixem livre passagem: em posição tão critica se teem visto alguns navegadores das aguas polares, e como por milagre teem escapado á morte que parecia inevitavel: se um livramento quasi sempre inesperado os não remisse, terrivel seria a sua hora extrema, cortados pelo frio, pela fome, e pela mais completa desesperação. Já se encontrou nos mares glaciaes uma embarcação bloqueada pelos gelos e cheia de cadaveres, que se acharam sem corrupção preservados pelo excesso do frio. — Tambem póde succeder ficar o navio esmagado pelo encontro de dois montes gelados: tamanha é a força com que são impellidos! Ás vezes a lenha que vem rodando por aquella superficie de cristal apparente corre com velocidade tal, que segundo diz Malte-Brun, se inflamma pela violencia da fricção, e levantam-se chamas do meio do imperio do perpetuo inverno.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Lições elementares de Poetica nacional, seguidas de um breve ensaio sobre a critica litteraria:* pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho. 1 vol. 8.º

CUMPRIDO vemos o desejo que exprimimos a pag. 408 do vol. antecedente, quando fallámos das *Lições de eloquencia nacional*; porquanto o litterato, seu illustre A., cumpriu tambem sua promessa, dando á estampa esta nova publicação, nada inferior á primeira, e que tanto com ella se ajusta em methodo e doutrina que poderemos agora affirmar que possuímos um curso elementar de Bellas-Letras, ao par do estado actual dos conhecimentos humanos, e com a inapreciavel vantagem de ser o mais adequado ao uso das aulas. Sem gravar os estudantes com o duplicado onus do peso e do custo de muitos volumes, e, o que ainda mais importa, sem lhe carregar a memoria com inutilidades e sobejidões, só com o estudo de dois volumes lhes abrimos o ádito do alcaçar da Sciencia, e lhes preparámos e cultivámos o entendimento e a imaginação. Parece que nestas breves palavras se deve cifrar todo o elogio da obra: mas se o leitor quizer convencer-se da verdade das

expressões, que nos dicta o animo desapaixonado e amante da litteratura patria, examine este novo livro como fez sem duvida ás *Lições d'eloquencia*, e achará que, definida exacta e claramente a *Poesia*, regeitadas as opiniões dos que fazem consistir absolutamente a sua essencia ou na *ficção* ou na *imaginação*, explicada concisamente a sua origem, tem o primeiro logar um capitulo especialmente consagrado ás diferentes medidas de verso usadas no idioma portuguez; e com rasão adoptou o A. esta ordem, deixando de seguir outros escriptores, que trataram da Versificação e da Poetica como independentes e em volumes separados; porque se os versos são o instrumento da Poesia, é natural o começar pela exposição do mechanismo do metro. Segue-se o corpo da obra, em que o A. desenvolve em devido logar e com extensão conveniente os preceitos dos diversos generos de composições poeticas, espriando-se mais, como cumpria, ácerca do *lyrico*, *epico* e *dramatico*, e terminando com acertadas reflexões sobre as duas escholas, classica e romantica. — No *Ensaio sobre a critica litteraria ou metaphysica das bellas-lettras* acha-se substanciada a doutrina mais assentada a respeito da critica em geral; do fundamento da reputação das obras; da accepção verdadeira dos vocabulos — *Genio*, *Gosto*, no sentido litterario; dos meios de aperfeiçoar e corrigir o *Gosto*; do *sublime*, da *belleza* e das outras fontes dos prazeres, que se derivam desta nobre faculdade do entendimento humano, &c. Conclue este tratado com um artigo sobre a applicação dos principios geraes por todo elle expendidos. São pela maior parte portuguezes os auctores citados e os exemplos adduzidos em toda a obra: novo e poderoso motivo este para tribuarmos agradecimentos a seu auctor, que obterá como premio de suas fadigas a accepção do publico illustrado.

ENTRE as nações europeas, que importam café, os Paizes-Baixos só á sua parte consomem mais um terço do que a somma total do consumo dos tres reinos de França, Portugal, e Hespanha. — A Allemanha e o littoral do Baltico consomem mais um oitavo do que os mesmos tres reinos. A Graã-Bretanha consome pouco menos da quarta parte do que importam os Paizes-Baixos; mas em gasto de chá da India excede muito e muito a todas as nações: de quarenta milhões de libras delle que entram na Europa, a Graã-Bretanha gasta as tres quartas partes.

O DIREITO romano prohibia severamente os *jogos de azar*; e recusava aos que davam jogo em suas casas toda e qualquer acção perante os tribunaes contra os jogadores que os maltratavam ou roubavam. — (*Digest. l. 1.º de aleat.*)

De condigão humana é não ver traves  
Em nossos proprios olhos, nos alheios  
Arestas leves nos parecem graves.  
Mas deixe a estrada chaã, siga rodeios  
O nescio, o pertinaz, seu mal sustente  
Com rasões apparentes, com vãos meios:  
Do seu parecer proprio se contente;  
Todos os mais despreze, não entenda  
Que mais fia de si quem menos sente.  
Eu não me queixarei que me reprehenda  
O sabio, o virtuoso, o amigo puro,  
E sendo mister mais que a mais se estenda.  
Diogo Bernardes. *Lim. Cart. 10.ª*